

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# GÊNERO E SEXUALIDADE:

Lugares, história e condições

3



Atena  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições 3 /  
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0464-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.644222807>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,  
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

*A coletânea Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste terceiro volume oito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

ÍRIS DE FÁTIMA DA SILVA, UMA ‘PARAIBUCANA’ NA LUTA PELO FEMINISMO NEGRO E LÉSBICO

Giovanna de Araújo Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228071>

### **CAPÍTULO 2..... 8**

POLÍTICA PÚBLICA DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DO “PROGRAMA MULHERES MIL” DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO, CAMPUS DE URUTAÍ

Luma Rosa Martins Silva

Jonas Modesto de Abreu

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228072>

### **CAPÍTULO 3..... 23**

MULHERES INDÍGENAS E FEMINISMOS – UM ENCONTRO PARA DESCOLONIZAR CONCEITOS A PARTIR DO MOVIMENTO DE MULHERES INDÍGENAS NO BRASIL

Luciana Nogueira Nóbrega

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228073>

### **CAPÍTULO 4..... 36**

AFINAL, O QUE É IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Marcela Rodrigues Santos

Ezequiel Martins Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228074>

### **CAPÍTULO 5..... 42**

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA A MULHER - DANO EMOCIONAL DENTRO DOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Letícia Sousa Marques

Roseane Vilarins de Almeida

Bernadino Cosobek da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228075>

### **CAPÍTULO 6..... 53**

VIOLÊNCIA FÍSICA CONTRA A POPULAÇÃO ADULTA: UMA ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO, BRASIL

Karina Fardin Fiorotti

Márcia Regina de Oliveira Pedroso

Franciéle Marabotti Costa Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228076>

### **CAPÍTULO 7..... 68**

REFLEXÕES SOBRE O ATENDIMENTO DE INDIVÍDUOS NÃO-HETEROSSEXUAIS EM

UMA COMUNIDADE TERAPÊUTICA RELIGIOSA

Janine Targino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228077>

**CAPÍTULO 8..... 74**

AS RELAÇÕES DE GÊNERO A PARTIR DAS BODAS DE CANÁ (JO 2,1-11)

Josymara Dias de Paula

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6442228078>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 84**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 85**

## AFINAL, O QUE É IDEOLOGIA DE GÊNERO?

*Data de aceite: 04/07/2022*

**Marcela Rodrigues Santos**

Mestranda em Educação (UEG)

**Ezequiel Martins Ferreira**

Mestre em Educação, Doutorando em  
Performances Culturais (UFG)

**RESUMO:** Este texto busca compreender como os discursos em torno da “ideologia de gênero” cruzam no trabalho do professor. Entende-se que o campo da educação é um dos mais implicados nas disputas atuais em torno do tema, já que a escola é vista como um local passível da doutrinação imaginada pelos grupos conservadores que criaram o pânico moral em torno da, como eles chamam, “ideologia de gênero”. Desse ponto, o presente artigo propõe fazer um breve levantamento sócio-histórico de como vieram a ser expressadas as ideias em torno da “ideologia de gênero” para servir como material para o docente trabalhar em sala, não a doutrinação ou exaltação de uma ideologia ou outra, mas o protagonismo cidadão previsto nos documentos norteadores da educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** ideologia de gênero; discurso; professor.

**ABSTRACT:** This text understands how the discourses around “gender ideology” intersect in the teacher's work. It is understood that the field of education is one of the most involved in the current disputes around the subject, since the school is seen as a place subject to indoctrination

imagined by conservative groups that create moral panic around, as they call, “gender ideology”. From this point, the present article proposes to make a brief history of how to raise the ideas that are expressed around the “gender ideology” to serve as material for the teacher to work in the classroom, not the indoctrination or exaltation of one ideology or another. , but the citizen protagonism foreseen in the guiding documents of education.

**KEYWORDS:** Gender ideology; speech; teacher.

Na última década, o termo “ideologia de gênero” passou a se figurar, de modo cada vez mais frequente nos debates públicos no Brasil, atrelado comumente a discussões políticas e aos campos religioso e educacional. Atores políticos de alas conservadoras utilizaram e ainda utilizam erroneamente esse termo para se referir, de maneira hostil, à inserção de pautas relacionadas a gênero e sexualidade nos currículos escolares – ações estas interpretadas por esses atores como danosas às crianças e jovens e distante do que entendem como “valores da família tradicional brasileira”. Ademais, esses grupos defendem que educação sexual não deve ser tratada no ambiente escolar, pois cabe à família ensinar às crianças sobre essas questões.

No outro lado, pesquisadores do tema, e ativistas dos direitos humanos denunciam o uso do termo “ideologia de gênero” dentro de uma estratégia política que visa, sobretudo, barrar a

liberdade cidadã no que se refere aos direitos conquistados que incluem pessoas cuja identidade de gênero e opção da manifestação da sexualidade são notadamente diferentes da dita “tradicional”. Nesse viés, a concepção tradicional de uma “ideologia de gênero”, procura impedir o avanço de discussões relativas à educação sexual, à liberdade de expressão de identidade, assim como impedir o combate à intolerância quanto a LGBTfobia<sup>1</sup> nos ambientes sociais, como a escola.

Em pensar nessas disputas que se orquestram em torno da “ideologia de gênero”, surgem alguns questionamentos: de que modo tais disputas são travadas? Como o termo se consolidou e quais sentidos são produzidos a partir das disputas que ele mobiliza? Quais são os atores que encampam essas disputas e quais estratégias discursivas utilizam? Em que ambientes circulam esses discursos? A que outros discursos cristalizados no tecido social as atuais disputas sobre a “ideologia de gênero” remetem? Essas são algumas questões que orientam a produção deste artigo e que direcionam para um problema central que pode ser expresso na seguinte questão: considerando que as disputas em torno da “ideologia de gênero” se relacionam ao campo educacional, o que é possível no campo do conhecimento acadêmico apontar como uma definição de “ideologia de gênero”?

Faz-se importante nessa proposta, para compreender a noção de “ideologia de gênero”, recorre-se a teorias elaboradas nos campos da sociologia e da comunicação, para entender tanto como essa noção tem sido forjada historicamente quanto de que maneira esses discursos estão hoje em circulação nas mídias. Nesse sentido, na esteira do que propõem alguns autores (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; MISKOLCI; PEREIRA, 2018; BALIEIRO, 2018; CORRÊA, 2018; DIAS; MACHADO, 2022), compreende-se a “ideologia de gênero” como uma combinação de forças conservadoras e reacionárias que visam barrar políticas de direitos a populações dissidentes de gênero e sexualidade. Tal empreendimento, segundo esses autores, constitui uma cruzada moral contemporânea.

A “ideologia de gênero” tem sido um tema de pesquisa de diferentes áreas de estudo, sobretudo nos últimos anos, o que possivelmente converge com os avanços de políticos de extrema-direita ocupando cargos executivos no Brasil e na América Latina de maneira geral. Estudos como os mencionados anteriormente e que são referenciados neste artigo integram um rol de pesquisas que se dedicam a entender como tem se constituído essa cruzada moral contra a “ideologia de gênero”. Salienta-se que uma análise de caráter discursivo pode ajudar a entender outros aspectos dessa cruzada, sobretudo quando a perspectiva considera a forma como os discursos são historicamente construídos e situados. Por isso, justifica-se também a pesquisa deste trabalho nessa vertente. Embora seja um artigo ainda exploratório e inicial, acredita-se que ele possa contribuir para pensar nas estratégias de construção desse discurso e, mais especificamente para o campo da

---

<sup>1</sup> Utiliza-se o termo “LGBTfobia” para denominar à intolerância em relação a um conjunto de pessoas cujas existências divergem, em diferentes níveis, das normatividades sociais que estruturam de modo binário a sociedade. Essas pessoas estão comumente incluídas no movimento LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, queer, interssexuais, assexuais e outros).

educação, refletir sobre como a figura do professor acaba sendo central nessa cruzada, embora seja colocada em um lugar de intensa disputa e sob constante vigilância.

Partindo da história, se o surgimento da noção de “ideologia de gênero” é aparentemente recente nos debates públicos contemporâneos, é possível afirmar que a sua emergência se deu há quase três décadas, no contexto de conferências realizadas pela Organização das Nações Unidas (MISKOLCI; CAMPANA, 2017). Mais precisamente, relaciona-se o surgimento de tal noção a partir da IV Conferência das Nações Unidas sobre as Mulheres, ocorrida em 1995, na cidade de Pequim, China. Em documentos produzidos nesse evento, houve a substituição da palavra “mulher” por “gênero”, seguindo uma influência teórica feminista. Esse deslocamento deu início a uma reação mobilizada, à época, principalmente por lideranças religiosas católicas (CORRÊA, 2018). Como afirmam Dias e Machado (2022), um dos textos fundacionais desse movimento contrário à perspectiva de gênero foi o livro *Sal da Terra*, escrito pelo então cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Emérito da Igreja Católica.

Há de se considerar o caráter geopolítico da disputa que então se travava, já que havia uma preocupação do Vaticano em relação à inclusão da pauta dos direitos sexuais e reprodutivos na agenda dos direitos humanos. Essa preocupação fez com que a pauta tivesse uma maior aderência nos países latino-americanos (CORRÊA, 2018). Isso aponta, aliás, os contextos geográficos em que se dão as disputas mais ferozes em relação à “ideologia de gênero”: Europa e América Latina (MISKOLCI; CAMPANA, 2017).

Como afirmam algumas pesquisas (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; CORRÊA, 2018; DIAS; MACHADO, 2022), “ideologia de gênero” é um termo acusatório que está relacionado a variadas reações contra as políticas e ações de reconhecimento de direitos a populações dissidentes de gênero e sexualidade. As pesquisas consultadas para a realização deste texto (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; MISKOLCI; PEREIRA, 2018; BALIEIRO, 2018; CORRÊA, 2018; DIAS; MACHADO, 2022) nomeiam essa contraofensiva a perspectivas de gênero como uma cruzada moral, levada adiante pela Igreja Católica, apropriada por outras vertentes cristãs na América Latina – no Brasil, sobretudo igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais – e apropriada também por setores políticos conservadores.

Há de se destacar ainda o papel importante dos discursos veiculados pela mídia hegemônica, pertencente a conglomerados midiáticos, que pautou a discussão em diferentes momentos nos últimos anos, sem com isso haver necessariamente uma preocupação ética com a abordagem da questão. Além disso, para além dessa mídia tradicional, há ainda as atuais configurações das plataformas digitais midiáticas, propícias à disseminação de desinformação e boatos e à criação e circulação de pânicos morais (DIAS; MACHADO, 2022).

No contexto da América Latina, Miskolci e Campana (2017) identificam algumas características dessa cruzada moral: a temporalidade, já que todas ocorreram após a virada do milênio; a existência de governos de esquerda em muitos países; e a consequente

ampliação de direitos sexuais e reprodutivos a partir também de reformas nos âmbitos legais e educacionais. No Brasil, a manifestação mais importante nesse contexto talvez seja a criação do Programa Escola Sem Homofobia, do Ministério da Educação, e a ofensiva de parlamentares e grupos políticos aos materiais didáticos do projeto.

O Programa foi alvo de ataques, amplamente divulgados pela mídia – um dos atores políticos centrais foi o então deputado federal Jair Bolsonaro, que à época (2011) participou de programas de televisão de caráter sensacionalista para falar sobre o *kit gay*, modo pejorativo como o kit anti-homofobia foi chamado por seus detratores (DIAS; MACHADO, 2022). Nos panfletos distribuídos pelo parlamentar na Câmara dos Deputados, constava que o kit promoveria o “homossexualidade” e estimularia a pedofilia. Diante da intensa polêmica, o material foi vetado pelo governo de Dilma Rousseff.

A polêmica em torno do material foi central nas disputas políticas e morais, refletindo inclusive na campanha eleitoral de 2018, quando o tema ainda era pautado por políticos conservadores (DELLA COLETTA, 2018). Essas disputas tiveram forte incidência no campo da Educação, visto que, segundo os artífices dessa cruzada, as principais “vítimas” da “ideologia de gênero” seriam as crianças, e um possível agente de disseminação dessa ideologia seriam os professores. Segundo Balieiro (2018, p. 11), “o professor passou a ser visto como um intruso nocivo na sacralizada relação entre pais e filhos, algo atestado em slogans como ‘meus filhos, minhas regras’ ou ‘não se meta com meus filhos’”.

Nesse sentido, ainda é válido mencionar a elaboração dos Planos de Educação nacional, estaduais e municipais, aprovados entre os anos de 2014 e 2015, quando grupos antigênero lideraram uma batalha que visava impedir a inserção de temas relativos à diversidade de gênero nos documentos. Esses grupos lograram sucesso, já que os Planos, em suas versões finais, não mencionam gênero (MISKOLCI, 2018).

Dentre os grupos mais expoentes dessa cruzada – a quem Miskolci (2018) chama de empreendedores morais, por levarem adiante uma pauta calcada em valores morais e moralizantes – está o Escola Sem Partido. Fundado em 2004, o movimento visa combater a doutrinação política, partidária e ideológica nas escolas e universidades. Vejamos uma das orientações que constam no site oficial do movimento:

**Se você sente** que seus professores ou os professores dos seus filhos estão comprometidos com uma **visão unilateral, preconceituosa ou tendenciosa das questões políticas e sociais**; se percebe que outros enfoques são por eles desqualificados ou ridicularizados e que suas atitudes, em sala de aula, propiciam a formação uma **atmosfera de intimidação incompatível** com a busca do conhecimento; se observa que estão **engajados na execução de um projeto de engenharia social**, que supõe a implementação de uma **nova escala de valores**, envie-nos uma mensagem relatando sua experiência **(acompanhada, se possível, de elementos que possam comprová-la)**. (grifos nossos)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Trecho retirado do site oficial do Escola Sem Partido, disponível em: <http://escolasempartido.org/quem-somos/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

O trecho destacado acima evidencia um aspecto central na elaboração dessa cruzada: a figura do professor enquanto um potencial inimigo, que precisa estar sob constante vigilância. O texto inicia com uma interpelação, inscrevendo o enunciário no discurso (“Se você sente”) e motivando o interlocutor a se colocar numa posição de agente, já que incita a reflexão. Há uma construção textual que descreve duas situações antagônicas e socialmente refutáveis – a existência de um ambiente de aprendizagem em que prevalece uma “atmosfera de intimidação”.

A situação inscreve a ação do professor num plano maior, algo conspiratório, de um “projeto de engenharia social”, cujo objetivo seria a “implementação de uma escala de valores” que não é compatível, conforme o subtexto, com as moralidades vigentes. Tem-se, então, uma estratégia discursiva que, ao descrever o perigo, convoca o interlocutor à ação.

Essa estratégia evidenciada pelo texto retirado do site do Escola Sem Partido dá a tônica das disputas morais que estão em voga nos embates públicos travados em torno da noção de “ideologia de gênero”.

Nota-se, com esse breve percurso sócio-histórico, a importância de se articular no campo educacional as várias influências que os discursos recebem, afinal é papel da escola construir sujeitos donos de sua própria história e cidadãos, capazes de compreender a realidade à sua volta e definir os deveres e lutar pelos seus direitos. E para essa construção cidadã, na qual seja exercido esse protagonismo, é necessário ao sujeito ter ferramentas para ler a realidade.

No que se refere ao papel ideológico é necessário compreender a própria ideologia como sendo uma ferramenta de manipulação social que visa barrar direitos, na medida em que, de um ponto puramente ideológico, apenas uma forma de expressão é aceita. Essa forma aceita é marcada historicamente por processos de dominação e expansão que imperam sob a forma mascarada de tradição, embora em muitas vezes esse modo acaba por atuar junto a um silenciamento do que seria a tradição real.

## REFERÊNCIAS

BALIEIRO, Fernando Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

DELLA COLETTA, Ricardo. Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’. **El País**, [s.l.], 29 ago. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207\\_054097.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html). Acesso em: 20 jul. 2022.

DIAS, Marlon Santa Maria; MACHADO, Alisson. “Queimem a bruxa”: operações midiáticas na cruzada moral contra a ideologia de gênero no Brasil. **E-compós**, Brasília, v. 25, p. 1-20, jan./dez. 2022.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017.

MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo G. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Comunidade terapêutica 68, 69, 71, 73

Crime 42, 43, 44, 45, 46, 51, 52

### D

Dano emocional 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51

Descolonização 5, 6, 23, 29, 30, 33

Divisão sexual do trabalho 8, 9, 10, 11

### F

Feminismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 33, 34

### G

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 63, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83

### I

Ideologia de gênero 36, 37, 38, 39, 40, 41

Indivíduos não-heterossexuais 68, 69

Interseccionalidade 1, 5, 6, 7

### L

Lesbianidade 1, 4, 5

### M

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 11, 13, 14, 15, 16, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82

Mulheres indígenas 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35

### N

Nordeste 1, 2, 3, 6, 15, 26, 30, 32

### P

Programa Mulheres Mil 8, 9, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22

Protagonismo de mulheres 74

### R

Relacionamento abusivo 42, 43, 46, 47, 49, 50, 51, 52

Religião 15, 44, 73, 74, 81, 82, 83

## **S**

Sistemas de informação 53, 63, 65

## **U**

Uso de substâncias 68, 69

## **V**

Violência 4, 7, 8, 14, 15, 16, 25, 26, 28, 29, 31, 35, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83

Violência contra a mulher 8, 15, 16, 26, 43, 53, 66, 78, 80

Violência psicológica 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Vítimas mulheres 42

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições

3



  
Ano 2022